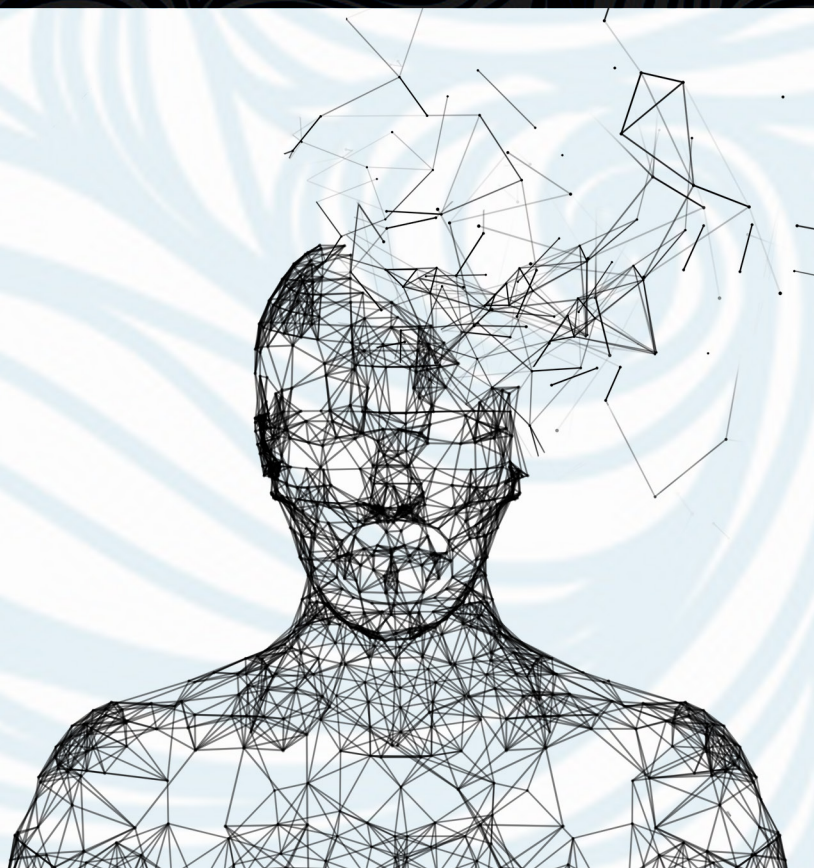


**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**

**Filosofia  
Política,  
Educação,  
Direito e  
Sociedade**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade [recurso eletrônico] /  
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta  
Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação,  
Direito e Sociedade; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-094-0

DOI 10.22533/at.ed.940190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A ideia do livro é o de aprofundar os estudos sobre FPEDE – Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade deriva, a princípio, de reconhecer nos direitos humanos, a partir da dignidade da pessoa humana, como afirma Hinkelammert (2014), condição insubstituível para que a sociedade seja vivível e, também, por compreender os saberes como essenciais para uma formação humana capaz de entender, questionar, desvelar e tentar mudar a realidade de injustiças que vivemos.

A EDH tornou-se experiência concreta inicial no Brasil nas décadas de 70 e 80 como instrumento utilizado, a princípio, pela Comissão de Justiça e Paz (CJP) e os movimentos sociais, contra a lógica arbitrária de violação aos direitos humanos vivenciados durante a ditadura militar (1964-1985). Neste período, como indica Genevois (2007), era cogente a implementação de um projeto de formação e vivência dos direitos humanos que pudesse construir consciência e mobilizar a luta em defesa desses direitos acachapados pela ação do militarismo que se implantou no poder. O que motivou o movimento de elaboração da EDH em âmbito popular foi a necessidade de construir junto às vítimas conhecimento sobre os direitos humanos e a maneira de reivindicá-los. Esse livro foi operacionalizado por meio de artigos e seus autores que procuram dar ênfase naqueles que não tinham voz: [...] os pobres, os presos, os excluídos, humilhados e discriminados em geral.

Contudo, a preocupação em torno de constituir uma educação voltada para os Direitos Humanos, considerando a importância do processo educacional na promoção da dignidade humana e garantia dos direitos humanos, tornou-se um movimento de proporções internacionais quando em 1993, na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), foi lançada a Década das Nações Unidas para a Educação em Matéria de Direitos Humanos (1995-2004). Em seguida, no ano de 2005, com vista à necessidade de manter um marco mundial para a EDH posteriormente à Década, foi proclamado pela ONU o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH), o qual apresenta contribuições e orientações para a construção de programas educacionais nacionais que fossem baseados no respeito aos direitos humanos, sendo ele ratificado pelo Estado brasileiro. Inserido nesse movimento de desenvolvimento da EDH, o Estado brasileiro organizou a Política Nacional de EDH, criando em 2003 o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (CNEDH), responsável por elaborar o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), concluído em 2006. O PNEDH juntamente com as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos (2012) são atualmente os principais documentos que inserem e organizam a EDH nos sistemas educacionais brasileiros. O PNEDH apresenta linhas gerais de ação em cinco eixos de atuação: (1) educação básica; (2) educação superior; (3) educação não-formal; (4) educação dos profissionais do sistema de justiça e segurança e (5) educação e mídia.

Diante desse contexto a ONU consolidou um conceito de EDH a qual espera

que seja parâmetro de conceito nos países membro: A educação em direitos humanos pode ser definida como um conjunto de atividades de educação, de capacitação e de propagação de informação, orientadas para criar uma cultura universal de direitos humanos. Uma educação integral em direitos humanos não somente proporciona conhecimentos sobre os direitos humanos e os mecanismos para protegê-los, mas que, além disso, transmite as competências necessárias para promover, defender e aplicar os direitos humanos na vida cotidiana. A educação em direitos humanos promove as atitudes e o comportamento necessários para que os direitos humanos de todos os membros da sociedade sejam respeitados. (ONU, 2012, p.3).

Neste sentido, a formação de uma cultura de direitos humanos apresenta-se como o principal objetivo da EDH e está bem identificada na produção teórica nacional. Benevides (2000, p. 1) indica a EDH como formação de uma cultura de respeito à dignidade humana, promovido através da vivência dos valores [...] da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz e que deve impactar o educando para a apreensão de valores, sob os aspectos racionais e emocionais, devendo transformar-se em prática na vida das pessoas.

A EDH se apresentaria como um importante dispositivo que, por meio da educação escolar, seria capaz de fomentar uma cultura de respeito aos direitos humanos efetivos para a vida humana. Além de que, a educação está duplamente inserida na envergadura dos direitos necessários à pessoa humana, ou seja, a educação é uma categoria de direito humano fundamental para o desenvolvimento da vida e, ao mesmo tempo, pode permitir a realização de outros direitos sociais, políticos e civis na sociedade, portanto, pode ser entendida como eixo articulador dos direitos humanos, caminhando numa relação dialética ao longo de ambas as construções. Para Estêvão (2006, p. 91) [...] a educação constitui-se como um dos lugares naturais de aplicação, consolidação e expansão dos direitos humanos. Ela é uma arena de direitos e com direitos, cuja negação é notadamente perigosa para o princípio democrático da igualdade civil e política.

Portanto, os direitos humanos poderiam ser considerados o meio e o fim nos quais a EDH está engajada. Não obstante o plano normativo que orienta a política educacional sobre a EDH no Brasil esteja considerado com várias iniciativas que pretendem efetivar-se na educação básica, ou seja, de construir uma cultura de respeito aos direitos humanos, a realidade social está marcada por inúmeras violações dos direitos humanos essenciais para a vida. Mas, essa afirmação provoca questionar o que seriam os direitos humanos?

Fundamentado na formulação elaborada pela ONU é possível entender os direitos humanos conforme sua natureza, categorias e objetivos. Nestes termos os direitos humanos são aqueles inerentes a todos os seres humanos, independente de raça, nacionalidade, religião ou qualquer outra condição, incluindo o direito à vida, liberdade, trabalho, educação e muitos outros, os quais devem ser promovidos e garantidos contra ações que interferem na efetivação da dignidade humana (ONU,

1948). A produção teórica sobre o tema, sobretudo a literatura jurídica, segue esta mesma linha de formulação sobre os direitos humanos. Comparato (2013, p. 71) elabora o discurso em torno da definição dos direitos humanos ressaltando que se trata de algo [...] inerente à própria condição humana, sem ligação com particularidades determinadas de indivíduos ou grupos, e segue problematizando como reconhecer a [...] vigência efetiva desses direitos no meio social. Portanto, seriam os direitos que visariam garantir a vida e a dignidade humana de todas as pessoas, e devem ser protegidos e exigíveis pela lei. Trata-se de direito de estar vivo e ter condições de viver, de alimentar-se, de ter onde morar, de trabalhar e receber justamente pelo trabalho, de ter educação, saúde, de poder votar e ser votado, de escolher sua religião, entre outros que estão descritos na DUDH e, reiterados no Estado Brasileiro por meio da Constituição Federal (CF-88). Entretanto, analisando na perspectiva dialética, essa compreensão torna-se discrepante ao confrontá-la com a realidade marcada cotidianamente por violações aos direitos humanos que geram exclusões. Ora, se os direitos humanos se apresentam como instrumento para garantir a vida humana, se inclusive são salvaguardados por um sistema normativo de proteção internacional e nacional, por que ainda há tantas violações a esses direitos? Todas as pessoas são realmente titulares desses direitos?

Um autor que permite identificar com maior rigorismo estes conflitos é Hinkelammert, que a partir de uma abordagem histórico dialética, argumenta que diante de tanta violação seria necessário conhecer e problematizar as bases dos direitos humanos na sociedade para compreender quais seriam as reais causas de violação, o que permitiria um enfrentamento mais efetivo. Com base na compreensão teórica de Hinkelammert (2014), que insiste na historicidade dos conflitos sociais sob os quais se constituem as concepções de mundo, neste caso, no contexto da nova fase da exploração capitalista, pode-se supor que as mudanças da estratégia de dominação, sob a globalização neoliberal, modificam profundamente a compreensão dos direitos humanos, sem negá-los. Reivindicam-se direitos humanos, sob as regras do mercado.

A organização econômica teria, segundo esse autor, a capacidade de influenciar e de modificar as concepções e modo de compreender esses direitos, impactando na política e na normatização (HINKELAMMERT, 2014). A relação de mútua influência entre as condições da realidade econômica e as formas de pensar permite compreender melhor a dinâmica de elaboração dos fundamentos dos direitos humanos e da educação em direitos humanos em diversas possibilidades. Entre estas, explicita a disputa das classes e grupos sociais na configuração da EDH, na ação por vezes de colaboração, por vezes de conflito entre movimentos sociais e dos gestores públicos que elaboram as normativas. Outra dinâmica é a tensão da contradição entre a importância do debate público para a elaboração da lei por um lado e, por outro, o importante papel que a norma desempenha na elaboração dos fundamentos teóricos.

Ainda, essa relação consentiria perceber que, paradoxalmente, quanto mais se avança institucionalmente na normatização da EDH, o avanço da ideologia neoliberal

e da estratégia da globalização promoveria um deslocamento no modo pelo qual a sociedade compreende os direitos humanos e isso poderia impactar substancialmente a forma de construção normativa e, conseqüentemente a atuação na EDH. Por isso, seria necessário, conforme propõe Hinkelammert (2014) pensar as bases que fundamentam as concepções de direitos humanos, tendo como horizonte de reflexão a visão constituída após os marcos econômicos da modernidade, em especial, nas implicações da ideologia neoliberal.

Problematizar a EDH, a partir dos direitos humanos que a fundamentam, permitiria compreender se há diferentes formas de concebê-la. Portanto parece imprescindível aprofundar, de forma crítica, a discussão sobre as concepções de direitos humanos.

Para refletir sobre a efetividade dos direitos humanos parecem ser importantes os questionamentos e a problematização decorrentes das formulações emancipatórias e da realidade concreta. Percebê-los através das lutas travadas evita que a análise se limite à perspectiva idealista, como se a mera normatização e retórica, fossem suficientes para a garantia da dignidade humana. Hinkelammert (2014) sugere que a problematização dos direitos humanos ocorra a partir de sua base na sociedade, pois, ir mais além nos permitiria perceber como os direitos humanos, tal como estão atualmente presentes na normativa internacional e nacional, tiveram seu sentido teórico e ideológico modificado. Essas mudanças permitiriam que os direitos humanos fossem concebidos, sobretudo em sintonia com a interpretação dada pelo mercado. Em decorrência disso as violações e suas alternativas de superação parecem estar banalizadas, constrói-se um conceito de direitos humanos aceitando que muitos seres humanos estejam às margens da sua titularidade. Partimos da concepção de que os direitos humanos são aqueles direitos que o sujeito corporal e necessitado possui para a realização da vida humana (HINKELAMMERT, 2002). Contudo, a abstração e a aplicação desses direitos muitas vezes são instrumentos para a violação do próprio sujeito. Essa possibilidade de inversão é analisada por Hinkelammert (2002) como sendo a inversão do sentido dos direitos humanos teorizada por John Locke no século XVII, como mecanismo legitimador das práticas econômicas inglesas pautadas na escravidão africana e exploração de terras indígenas na América. Ao inverter o sentido dos direitos humanos, Locke transformou a vítima em culpado. Atualmente, a lógica da inversão dos direitos humanos e o esvaziamento do sentido dos direitos humanos (HINKELAMMERT, 2016) decorrem da estratégia de globalização capitalista, marcada pela supremacia das instituições de mercado sobre a vida das pessoas, onde os direitos das instituições mercantis impõem-se sobre os direitos essenciais à vida do ser humano.

Os artigos que compõe esta coletânea evidencia que os principais autores que têm se dedicado à discussão da FPEDE – Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade EDH com as abordagens adotadas não incorporam a crítica, minimamente, em sintonia com as categorias apresentadas por Hinkelammert (2002, 2010, 2014, 2016).

Nessa perspectiva, o presente livro objetiva investigar **DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, das autoras de Evanir dos Santos e Renata Souza de Lima, no artigo busca elucidar a importância da Educação em Direitos Humanos na perspectiva da educação infantil. O interesse pela temática surgiu após a participação no projeto de extensão O ECA Itinerante no ambiente Escolar: Uma introdução formativa para crianças e adolescentes em Direitos Humanos Fundamentais, que esteve em vigor durante os anos de 2016 e 2017. No artigo, **A SEXUALIDADE E SUAS ARTICULAÇÕES NO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Gabriella Rossetti Ferreira, Paulo Rennes de Marçal Ribeiro, buscaram análise por meio de documentação, dos conteúdos aplicados em cursos a distância com momentos presenciais, de formação de professores na área da sexualidade, verificando como estes foram elaborados e implementados.

**DIREITOS DOS ANIMAIS: A INTERVENÇÃO DO HOMEM** das autoras Isadora Ramos Klein e Tailan Borges, procura entender o processo ao longo da história da criação das leis de defesa aos animais e de como eram e são tratados até os dias de hoje pelo homem. Passando por pensamentos de diferentes filósofos, teremos uma análise mais clara e ampla da evolução de tal processo. No artigo **DIREITO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA PARA OS JOVENS COM FULCRO NO ESTATUTO DA JUVENTUDE** os autores Yossonale Viana Alves e Márcio Adriano de Azevedo, investigam sobre o Estatuto da Juventude é um dos dispositivos legais do Brasil que regula a educação básica, descrevendo que essa é obrigatória e deve ser oferecida gratuitamente a todos os jovens, inclusive para aqueles que não tiveram acesso à educação, na idade adequada, conforme ditames da Constituição Federal de 1988 e da Lei n.º 9.394, 20 de dezembro de 1996. Desse modo, objetiva-se analisar o Estatuto da Juventude como instrumento jurídico regulamentador das garantias de direitos constitucionais aos jovens, de forma articulada com os indicadores educacionais oficiais, que analisam a inserção ou não desses sujeitos nos processos educativos de formação profissional, o autor procura-se analisar o **DIREITO AO ESQUECIMENTO COMO LIMITAÇÃO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO**, esquecimento como limitação à liberdade de expressão em face do direito de intimidade do respeito permitiu-nos investigar sobre a dignidade da pessoa humana tutelada pelos princípios constitucionais. A vida privada da pessoa, sua privacidade e intimidade são asseguradas pela Carta Magna. No artigo **FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**, as autoras Daniela Fernandes Rodrigues e Farbênia Kátia Santos de Moura abordam que vivenciamos um período permeado por discursos e reflexões no cenário educacional que trazem para o cerne da discussão a formação docente, investigar a prática pedagógica com ênfase na Formação Humana e Afetividade das professoras. No artigo **FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DA INCLUSÃO**, das autoras Cândida Ivi Marcovich de Araújo, Carla Cristie de França e Denise Fetter Mold, o artigo tem como proposta possibilitar



a reflexão e contribuir com a formação continuada docente no ensino regular, no que se refere à inclusão escolar. A pesquisa teve como intuito, evidenciar a importância da formação continuada, bem como dos Serviços de Apoio no cotidiano docente escolar inclusivo.

**FORMAÇÃO CONTINUADA A PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA FONOAUDIOLOGIA**, da autora Ana Claudia Tenor O objetivo deste Estudo foi Identificar a Demanda Fonoaudiológica das Escolas De Educação Infantil.

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A PRÁTICA NA CRECHE: QUE ESPAÇO SUAS ESPECIFICIDADES TÊM NOS CURSOS DE PEDAGOGIA?** de autoria de Juliana Lima da Silva, apresenta parte do que foi desenvolvido em sua pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de compreender como acontece a formação inicial para professores do curso presencial de Pedagogia da UFJF no que se refere aos saberes/fazer para atuar com a faixa etária de 0 a 3 anos. De que modo esta formação contribui para a prática de futuros professores que atuarão nas creches? No artigo a

**FORMAÇÃO PARA DOCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DISCIPLINA “METODOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO AMBIENTAL” DO CURSO CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**, das autores Patrícia Larisse Alves de Sousa e Anderson Ibsen Lopes de Souza, o objetivo deste estudo foi relatar a experiência docente na disciplina “Metodologias aplicadas à educação ambiental” do curso *Convivência com o semiárido*, abordando as práticas pedagógicas adotadas, a transversalidade, os projetos interdisciplinares e a potencialidade dessa experiência para a atividade curricular docente. No artigo

**GLOBALIZAÇÃO: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO COMO DETERMINANTE PARA OS HÁBITOS DE VIDA DE ESCOLARES**, dos autores Márcio Barreto da Silva, Ludmila Bernardo de oliveira, Valéria Kamilla Gurgel Jales, Francisco Ferreira da Silva, que busca discutir sobre o processo de urbanização como fator condicionante a saúde e/ou hábitos de vida de escolares. Revisão bibliográfica a partir de bibliotecas virtuais. No artigo

**HISTÓRIA ORAL: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS E (RE)VENDO O MUNDO ATRAVÉS DE REMINISCÊNCIAS**, dos autores Simone Ribeiro, Dileno Dustan Lucas de Souza, Darieli Daltrozo Ilha, Neste artigo os autores buscam trazer reflexões produzidas pelo grupo de pesquisa ECUS- Educação, Culturas e Sustentabilidade/UFJF no contexto de implementação de projetos de pesquisa e extensão e , ao longo do texto, abordamos aspectos históricos, teórico-metodológicos e procedimentos práticos no uso da metodologia da História Oral. No artigo

**IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO NA GESTÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO A DISTÂNCIA SOB A ÓTICA DOS TUTORES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA UF**, os autores QUIRINO, R da. Heveline Ribeiro, CAVALCANTE, Sueli Maria de Araújo CORREA e Denise Maria Moreira Chagas, procuram identificar os Fatores Críticos de Sucesso (FCS) da gestão da aprendizagem no ensino à distância na visão dos tutores da Universidade Federal do Ceará Virtual do curso de Administração. No artigo

**IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNAL PERNAMBUCANO**

**ESPELHO DAS BRASILEIRAS (1831)**, as autoras Mônica Vasconcelos e Marcília Rosa Periotto, buscam identificar as contribuições para a constituição e elevação da figura feminina no contexto de desenvolvimento social e material do Brasil na segunda metade do século XIX. No artigo **INFLUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DOCENTES NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE MATEMÁTICA**, os autores Fabio Caires de Oliveira e Maurivan Barros Pereira Buscam identificar relações entre as concepções de ensino, aprendizagem e tecnologias digitais (TD), presente nas propostas de pesquisa encaminhadas ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Estadual de Mato Grosso-UNEMAT e suas possíveis influências e implicações para a prática docente. No artigo **INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA E A PEDAGOGIA HISTORICO CRITICA: UM DESAFIO E MUITAS POSSIBILIDADES**, as autoras LIMA, Erika Aparecida de Paula Silva e PINHEIRO, Bárbara Carine Soares, analisa o diálogo entre a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e a prática dos docentes de Ciências do IFBA. Foi levantado o material bibliográfico desde o Liceu de Artes e Ofícios em 1872 até o atual Instituto Federal da Bahia, que nasceu com a perspectiva de mudança do perfil da Educação Profissional da Rede Federal com a Lei nº 11.892/08. No artigo **INTENCIONALIDADE DO CURRÍCULO ANTIRRACISTA EM CONTEXTOS HISTÓRICOS DE MULHERES NEGRAS**, as autoras Agatha Leticia Eugênio da Luz e Ana D’Arc Martins Azevedo

Buscam evidenciar o currículo na perspectiva antirracista em que contextualiza historicamente sobre mulheres negras, que contribuíram/contribuem com a militância e emancipação da identidade negra, viabilizando um conhecimento de histórias negadas, silenciadas e excluídas do contexto educacional, mas que repercute cotidianamente na sociedade brasileira, em forma de racismo, sexismo e discriminação. No artigo **LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE ROUSSEAU: CONSTANT, VAUGHAN, TALMON OU BERLIN: DE QUE LADO ESTARÁ O VERDADEIRO PENSAMENTO DO GENEBRINO?** O autor Arlei de Espíndola, procura analisar o livro *o contrato social*, publicado por Rousseau em Paris em abril de 1762, ressalta que o trabalho que lhe notabiliza no campo do pensamento político, imprime uma forma abstrata, metafísica, que o filósofo põe-se a enfrentar o problema da relação entre liberdade e autoridade, essa uma questão bastante espinhosa que suscita polêmicas e controvérsias fazendo às vezes perder-se a orientação verdadeira de seu pensamento. No artigo **O “RETRATO” DA REALIDADE DE JOVENS ENCARCERADOS: O QUE REVELAM OS DADOS**, as autoras, Riane Conceição Ferreira Freitas, Gilmar Pereira da Silva, Crisolita Gonçalves dos Santos Costa, Ana Maria Raiol da Costa, objetivam analisar os que os índices oficiais refletem sobre questão da escolarização e profissionalização de jovens que cumprem Medidas Socieducativas (MSE), conforme determinação do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE, (Lei nº 12.594/2012), como meio de reorientar o indivíduo submetido a ela, de modo a oportunizar a reparação dos danos e

promoção de processos formativos-educacionais ao jovem que infligiu a lei. No artigo **O BRINCAR NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A LIBERDADE DE CRIAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**, a autora Suzy Kamylla de Oliveira Menezes tem o intuito de analisar a relação do brincar com o desenvolvimento da criança na educação infantil. O estudo é baseado na teoria de Winnicott e resulta de pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Dessa forma, essa análise enfatiza a necessidade de um ambiente que proporcione condições suficientes para que a criança se aproprie do brincar como expressão de um viver criativo, que traz como possibilidade a construção da própria subjetividade e a experiência de um desenvolvimento saudável. No artigo **O CONCEITO DE PRÁXIS EM ARISTÓTELES E MARX**: um estudo sobre a importância de aliar teoria e prática na formação dos trabalhadores da educação, da autora Andréia Carolina Severo Lima. Este artigo visa apresentar uma proposição teórica acerca da *práxis* como elemento vital na formação dos/as pedagogos/as que serão aqui chamados de trabalhadores da educação com ênfase na relação indissociável entre teoria e prática postulada pelo filósofo alemão Karl Marx. No artigo **O CRAS COMO ESPAÇO PÚBLICO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA**, os autores Tayná Ceccon Martins, Rafael Bianchi Silva Buscam com este trabalho compreender a participação popular na democracia é entender o percurso histórico dessa forma de governo e como a liberdade e a ação política se relacionam no espaço público. No artigo **O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA SOB O HORIZONTE ARTICULATÓRIO DA INTERDISCIPLINARIDADE**, os autores Ieda Márcia Donati Linck, Leandro Renner de Moura, Fernanda Falconi Bastolla, o trabalho busca analisar o desenvolvimento da produção textual numa perspectiva interdisciplinar tendo como pano de fundo a proposta pedagógica do Proenem-Unicruz. Este programa institucional e social oferece a Cruz Alta – RS e região oportunidade de preparação de estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sob um horizonte articulatório, onde Redação, Língua Portuguesa e Literatura passam a fazer parte de uma mesma unidade originária, a unidade da linguagem. No artigo **O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA, ATRAVÉS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL** da autora Luana Camila Gomes dos Santos o trabalho busca conscientizar os pais de que sua participação na educação dos filhos principalmente na educação infantil é de suma importância para o bom desenvolvimento e aprendizagem. No artigo **O ENSINO DE QUÍMICA NO 9º ANO DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA SOB A ÓTICA DISCENTE**, o autor Amílcar Célio França Pessoa, busca investigar o ensino de Química no 9º ano de Escolas Municipais de João Pessoa e suas implicações na aprendizagem sob a ótica discente. No artigo **O ENSINO EM MATO GROSSO SEGUNDO O OLHAR DO PRESIDENTE DE ESTADO DOM AQUINO CORREA**, as autoras Emilene Fontes de Oliveira e Thalita Pavani Vargas de Castro, objetivo é mostrar as representações acerca do ensino em Mato Grosso e analisar o discurso de Estado referente às normas estabelecidas na Regulamentação da Instrução Pública de 1910 que previa inovação no que diz respeito

à expansão e ao método. No trabalho **O ESPAÇO RESERVADO AO LÚDICO NA ROTINA DE TRABALHOS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**, a autora Fabiana Aparecida Gomes apresenta uma investigação das dinâmicas em uma sala de aula de uma turma que atende crianças de três a quatro anos de idade em um CMEI-Centro Municipal de Educação Infantil na cidade de Palmas/TO a fim de perceber se o conceito espaço como recurso pedagógico está presente no cotidiano da prática educativa. No artigo **O ESTUDO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SENTIDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE JÖRN RÜSEN**, os autores Patricia Paes Leme, e Diogo da Silva Roiz objetiva, a partir da análise das mudanças propostas no currículo resultante da aprovação da Lei nº 10.639/03, refletir sobre as possibilidades de transformações políticas e pedagógicas daí decorrentes. Para tanto nos ancoraremos na tipologia da consciência histórica criada pelo historiador e filósofo alemão, Jörn Rüsen e em seus conceitos de formação de sentido e de aprendizado histórico.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Evanir dos Santos	
Renata Souza de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
SEXUALIDADE E SUAS ARTICULAÇÕES NO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes de Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
DIREITOS DOS ANIMAIS: A INTERVENÇÃO DO HOMEM	
Isadora Ramos Klein	
Tailan Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
O DIREITO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA PARA OS JOVENS COM FULCRO NO ESTATUTO DA JUVENTUDE	
Yossonale Viana Alves	
Márcio Adriano de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
O DIREITO AO ESQUECIMENTO COMO LIMITAÇÃO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO	
Aleff Schmid Da Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura	
Daniela Fernandes Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DA INCLUSÃO	
Cândida Ivi Marcovich de Araújo	
Carla Cristie de França	
Denise Fetter Mold	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904027</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 72**

FORMAÇÃO CONTINUADA A PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA FONOAUDIOLOGIA

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.9401904028

**CAPÍTULO 9 ..... 80**

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A PRÁTICA NA CRECHE: QUE ESPAÇO SUAS ESPECIFICAÇÕES TÊM NOS CURSOS DE PEDAGOGIA?

Juliana Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9401904029

**CAPÍTULO 10 ..... 87**

FORMAÇÃO PARA DOCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DISCIPLINA “METODOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO AMBIENTAL” DO CURSO *CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO*

Patrícia Larisse Alves de Sousa

Anderson Ibsen Lopes de Souza

DOI 10.22533/at.ed.94019040210

**CAPÍTULO 11 ..... 98**

GLOBALIZAÇÃO: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO COMO DETERMINANTE PARA OS HÁBITOS DE VIDA DE ESCOLARES

Márcio Barreto da Silva

Ludmila Bernardo de Oliveira

Valéria Kamilla Gurgel Jales

Francisco Ferreira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.94019040211

**CAPÍTULO 12 ..... 109**

HISTÓRIA ORAL: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS E (RE)VENDO O MUNDO ATRAVÉS DE REMINISCÊNCIAS

Simone Ribeiro

Dileno Dustan Lucas de Souza

Darieli Daltrozo Ilha

DOI 10.22533/at.ed.94019040212

**CAPÍTULO 13 ..... 117**

IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO NA GESTÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO A DISTÂNCIA SOB A ÓTICA DOS TUTORES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA UFC

Raimunda Heveline Ribeiro Quirino

Sueli Maria de Araújo Cavalcante

Denise Maria Moreira Chagas Correa

DOI 10.22533/at.ed.94019040213

**CAPÍTULO 14 ..... 127**

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNAL PERNAMBUCANO *ESPELHO DAS BRASILEIRAS* (1831)

Mônica Vasconcelo

Marcília Rosa Periotto

DOI 10.22533/at.ed.94019040214

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>138</b>
INFLUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DOCENTES NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE MATEMÁTICA	
Fabio Caires de Oliveira Maurivan Barros Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>144</b>
INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA E A PEDAGOGIA HISTORICO CRITICA: UM DESAFIO E MUITAS POSSIBILIDADES	
Erika Aparecida de Paula Silva Lima Bárbara Carine Soares Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9401904026</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>155</b>
INTENCIONALIDADE DO CURRÍCULO ANTIRRACISTA EM CONTEXTOS HISTÓRICOS DE MULHERES NEGRAS	
Agatha Leticia Eugênio da Luz Ana D’Arc Martins Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>170</b>
LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE ROUSSEAU: CONSTANT, VAUGHAN, TALMON OU BERLIN: DE QUE LADO ESTARÁ O VERDADEIRO PENSAMENTO DO GENEBRINO?	
Arlei de Espíndola	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>187</b>
O “RETRATO” DA REALIDADE DE JOVENS ENCARCERADOS: O QUE REVELAM OS DADOS	
Riane Conceição Ferreira Freitas Gilmar Pereira da Silva Crisolita Gonçalves dos Santos Costa Ana Maria Raiol da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>199</b>
O BRINCAR NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A LIBERDADE DE CRIAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
Suzy Kamylla de Oliveira Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>206</b>
O CONCEITO DE <i>PRÁXIS</i> EM ARISTÓTELES E MARX: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ALIAR TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO	
Andréia Carolina Severo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040221</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>217</b>
O CRAS COMO ESPAÇO PÚBLICO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA	
Tayná Ceccon Martins Rafael Bianchi Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>228</b>
DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA SOB O HORIZONTE ARTICULATÓRIO DA INTERDISCIPLINARIDADE	
Ieda Márcia Donati Linck Leandro Renner de Moura Fernanda Falconi Bastolla	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>241</b>
O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA, ATRAVÉS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.	
Luana Camila Gomes dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>252</b>
O ESTUDO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SENTIDO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE JÖRN RÜSEN¹	
Patricia Paes Leme Diogo da Silva Roiz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.94019040225</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>263</b>



## FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

**Farbênia Kátia Santos de Moura**

Universidade Estadual do Ceará

Limoeiro do Norte- Ce

**Daniela Fernandes Rodrigues**

Instituto Federal do Ceará

Cedro-Ce

**RESUMO:** Este artigo trata-se da Formação Humana e da Afetividade como elementos cruciais no trabalho docente. Tem como objetivo geral: investigar a prática pedagógica com ênfase na Formação Humana e Afetividade das professoras.. Sua concretização se deu através de uma pesquisa do tipo Estudo de caso, em uma escola pública da cidade de Limoeiro do Norte, Ceará, nos cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, dando ênfase à Formação Humana e à Afetividade presentes na prática pedagógica das cinco professoras. Os dados foram coletados através de entrevistas e observações em salas de aulas. Após a coleta e análise dos dados, que foram baseadas em estudos de alguns autores, dentre eles: Antunes (2003), Freire (1996), Tardiff (2007), Lessard (2007), entre outros, chegou-se as seguintes conclusões: - O gosto por lecionar está para além da formação de nível superior, não desmerecendo a formação inicial, mas acrescentando a mesma, a formação humana e a afetividade com que as professoras demonstram

em suas ações e relações com os alunos. - A formação humana e a afetividade, quando bem trabalhadas, são grandes responsáveis pelo sucesso da relação professor – aluno, e do processo de ensino e aprendizagem. - A formação humana e a afetividade influenciam diretamente no aspecto intelectual, tanto nos docentes, quanto nos discentes. Portanto, se faz necessário que o professorado, classe de profissionais, cuja função maior é formar mentes, enriqueça sua formação humana e sua afetividade, percebendo-as como elementos fundamentais que dão vida à prática pedagógica e como fonte de humanização das pessoas.

**PALAVRAS - CHAVES:** Formação Humana – Afetividade - Prática Pedagógica.

**ABSTRACT:** This article treats of the Human Formation and Affectivity as crucial elements in the teacher work. It has as general goal: to investigate pedagogical practice with emphasis on the Human Formation and Affectivity of the teachers. The concretization of the article took place through a research of the type Case Study in a public school from Limoeiro do Norte, Ceará, in the initial five years of elementary school giving emphasis on the Human Formation and Affectivity present in the pedagogical practice of the five teachers. Data were collected through interviews and observations in classrooms. After collecting and analysing data which were based

on studies of some authors, such as: Antunes (2003), Freire (1996), Tardiff (2007), Lessard (2007), among others, the following conclusions were reached: - The taste for teaching is beyond the higher education level, without despising the initial education, but adding to it, the human formation and affectivity with which the teachers demonstrate in their actions and relations with the students. - Human formation and affectivity, when well-worked, are great responsible for the success of the teacher-student relation, and of the teaching and learning process. Human formation and affectivity influence directly the intellectual aspect in both teachers and students. Therefore, it is necessary that the professorate, class of professionals whose greatest function is to form minds, enrich their human formation and affectivity, perceiving them as fundamental elements which give life to pedagogical practice and as source of people humanization.

**KEY-WORDS:** Human Formation. Affectivity. Pedagogical Practice.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da Formação do Professor para os anos iniciais do Ensino Fundamental, dando ênfase à formação humana e à afetividade na prática pedagógica docente. Sabe-se quão importante é a formação do educador para sua práxis pedagógica e o quanto sua ausência ou mesmo uma formação precária, causa prejuízos, muitas das vezes irreparáveis. Assunto que vem ao longo dos tempos passando por muitas discussões, estudos e mudanças, a formação de professores teve avanços consideráveis, graças à dedicação de tantos pesquisadores, dentre eles Paulo Freire, que em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, nos traz os inúmeros saberes que o professor necessita ter, para exercer com competência seu ofício.

Além de passar por uma formação de nível superior, o professor precisa passar constantemente por uma formação continuada e adquirir uma série de fatores que são cruciais em sua prática, tais como: respeito aos saberes do educando, estética e ética, ser exemplo, aceitar o novo, rejeitar toda e qualquer discriminação, reflexão sobre a prática, bom senso, humildade, tolerância, luta e defesa dos direitos dos educandos, alegria, esperança, curiosidade, segurança, competência, habilidade, generosidade, comprometimento, liberdade, autoridade, saber escutar, diálogo e amor. Por isso, que mesmo reconhecendo o valor da teoria, pois quando a mesma é posta em prática, dar-se assim a práxis pedagógica, torna-se indispensável a presença da formação humana e da afetividade no fazer docente. (FREIRE, 1996)

Neste sentido, o que se propõe com esta pesquisa é saber, que formação precisa ser construída com os professores para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dando ênfase à formação humana e à afetividade dos mesmos, que podem interferir diretamente na eficácia de sua prática pedagógica e no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, elegeu-se como objetivo geral da pesquisa: investigar a prática pedagógica com ênfase na Formação Humana e Afetividade das professoras. E como

objetivos específicos: Discutir sobre alguns elementos da Formação do professor que contribuem com a Formação Humana e a Afetividade dos mesmos; Refletir sobre a Prática docente, enfatizando sua dimensão humana e afetiva; Analisar a Formação Humana e a Afetividade na prática pedagógica das professoras.

A concretização deste trabalho deu-se através de uma abordagem de pesquisa qualitativa, que envolve o pesquisador diretamente com a situação investigada, tendo assim, que descrevê-la detalhadamente. Para uma melhor compreensão dos fenômenos, foi realizado o recolhimento de dados, a partir de entrevistas e observações em salas de aulas.

Para o alcance dos objetivos, realizou-se um estudo de caso com todas as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a fim de dar conta do objeto de estudo em questão. O estudo de caso é um tipo de pesquisa que exige um estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita a investigação ampla e detalhada da realidade em foco. O caso tem sempre que ser bem definido, visando novas descobertas. Por isso, o estudo de caso permite generalizações naturalísticas, podendo representar diferentes pontos de vistas, bem como usar uma variedade de fontes de informações para relatar a realidade de forma completa e com uma linguagem acessível, e permite flexibilidade, devido à complexidade da realidade.

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede pública, localizada na cidade de Limoeiro do Norte, Ceará. A escola funciona durante os dois turnos diurnos, onde pela manhã estudam crianças da Educação Infantil e a tarde, os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desse modo, foram realizadas observações nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ganhando destaque à relação: professor-aluno, sendo registradas através de relatórios, em um período de pelo menos três dias semanalmente, durante três meses.

As entrevistas foram feitas na própria escola, em momentos mais adequados. Além dos dados principais referentes às professoras, foram elaboradas quatorze questões para as docentes responderem. As mesmas são identificadas neste texto, por números de 1 a 5, para melhor compreensão do leitor.

Os dados coletados foram organizados, tabulados e analisados, através de uma análise qualitativa e descritiva, buscando uma melhor compreensão da prática pedagógica dos professores, destacando a formação humana e a afetividade no fazer docente.

## **2 | DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Sabe-se o quão importante é o intelecto do profissional docente, porém, só esse aspecto não basta para se ensinar. Uma série de outros fatores são necessários, e dentre tantos fatores, a formação humana e a afetividade se fazem presentes e de fundamental importância na prática pedagógica de um professor.

Entendem-se estas duas categorias “formação humana” e “afetividade”, que estão diretamente entrelaçadas, segundo o pensamento de Freire:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. (...) A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. O educador progressista precisa estar convencido como de suas conseqüências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana. (...) O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. (...) Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (1996, p. 159-160)

A questão do “ser mais humano” do professor, não exclui suas competências e habilidades, não o faz relaxado diante das mudanças, pois para um professor ser competente, não precisa ser frio, ser duro, autoritário, agir como chefe. Cabe a cada profissional docente saber dosar essas dimensões em seu trabalho, equilibrando-se de forma gradativa, de modo que um aspecto complemente o outro.

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativas e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores. (TARDIF E LESSARD, 2007, p. 35)

O modo como o professor interage com seus alunos, a acolhida agradável ou não, os elogios ou reprovações, o envolvimento na vida dos alunos, nos problemas que os atingem, ou desinteresse e desvalorização dos mesmos, contribui muito para o ânimo, o entusiasmo, ou resistência e desânimo dos alunos em sua trajetória escolar.

Ser professor não é a mesma coisa que assumir tarefas como um robô as assume, mas sobretudo mostrar em cada aula, a cada aluno, que sua ação modela amanhã e se insinua como autêntica ponte entre a curiosidade e a busca. Se falta ao professor a alma do “sommelier”, talvez esteja faltando algo maior que é o sentido integral da sua consciência profissional. (ANTUNES, 2003, p. 37)

As professoras demonstraram em suas falas, bem como nas atitudes, dar muita importância à formação humana no trabalho pedagógico. Todas falaram do amor ao que se faz e do valor que tem o ser humano.

Durante as observações dentro e fora da sala de aula, percebeu-se algumas características das posturas das professoras, que retratam, não profundamente, mas com certa clareza, a formação humana que possuem, assim como a afetividade em suas ações.

Atitudes simples, mas essenciais no meio escolar, tais como: uma boa acolhida ao aluno, ao colega de trabalho, ou mesmo a família; o entusiasmo da professora em participar das brincadeiras do aluno; a serenidade e paciência em sala de aula, bem como a clareza em explicar os conteúdos e abertura para participação do aluno; a importância a detalhes que são cruciais no meio escolar foram observados, como forma

de perceber se as mesmas colorem o espaço educativo com ações humanizadoras.

Uma das perguntas realizada na entrevista foi: Por que escolheu ser professora?

- Inicialmente eu não tinha essa ideia na cabeça, então comecei no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, e a partir dos estágios, gostei e decidi ser professora. É interessante a questão da troca que existe na escola. Não é fácil, mas é gratificante. Estou gostando muito, apesar das dificuldades, mas pretendo me capacitar cada vez mais. (Professora 3)

- Primeiro não escolhi ser professora, mas depois da faculdade, a partir das práticas foi que me encantei pela profissão. (Professora 4)

- Escolhi porque acho que desde minha infância já tinha esse dom, sempre ensinei, desde criança. (Professora 5)

Algumas professoras destacam o dom, o sonho, outras começaram a se interessar a partir do conhecimento adquirido nos cursos de formação, principalmente, na fase dos estágios em escolas. São experiências diferentes, que trazem a reflexão de que, para ser professor é preciso que se tenha 'Amor' e 'Preparação', que seja dom, ou não, mas que de um jeito ou de outro, o professor precisa ser um profissional entusiasmado com o que faz, especificamente, quando se trata do professor de crianças. Antunes, de forma sábia e simples, em uma de suas crônicas diz: "Exaltamos a competência profissional e sabemos que quem a possui, possui muito. Mas, estimado amigo, competência não é tudo!" (2003, p. 19)

Uma outra pergunta foi a seguinte: Para você, o que é ser professor?

- Ser professor é um dom que a pessoa já nasce com ele. (Professora 1)

- Ser professor é passar um pouco de conhecimento, é passar o que eu aprendi para eles. (Professora 2)

- Ser professor para mim é, além de dominar o conteúdo, ter domínio de sala, saber resolver as situações e ser amiga dos alunos, ajudando no que eles precisarem. (Professora 3)

- Para mim, está sendo a coisa mais importante da minha vida, porque me apaixonei pela profissão e me realizo. Ser professor para mim é fazer parte da vida dos meus alunos, me preocupar com eles, tentar melhorar a educação, que é muito falha em algumas escolas. (Professora 4)

- Ser professor é ter a oportunidade de auxiliar alguém, de encaminhar alguém para um futuro melhor. Acho que todo aluno leva um pouquinho do professor. (Professora 5)

Os significados que as professoras apresentam do ser professor, vão além do intelectual, destacando a formação humana e a afetividade como importantes fatores na prática. Para somar com as professoras, Antunes (2003) em sua crônica "Competências! E o que mais?" acrescenta mais dez qualidades para os profissionais da educação, das quais, algumas foram ditas pelas mesmas: empatia, amor, paciência, justiça, bom humor, amizade, flexibilidade, boa educação, comunicação e maturidade

emocional.

Durante as observações dentro e fora da sala de aula, nota-se que a interação entre professoras e alunos é bem aberta, não há receios nos alunos em se comunicarem com as professoras.

As professoras um, quatro e cinco expressaram bastante emoção ao falar do amor que têm ao fazer docente, dando importância a esse lado mais humano, de olhar o aluno como 'gente', que possui uma infinidade de sentimentos, que devem ser levados em conta em todo o processo de ensino e de aprendizagem. A professora cinco se emocionava sempre que falava do aluno.

Em seguida perguntou-se: Quem é o aluno para você?

- É um ser que faz parte de mim, que precisa de mim, e eu dele também. (Professora 4)

- É um ser todo especial, que a gente muito mais aprende com ele, do que ensina. É isso que me fascina. (Professora 5)

É muito bom saber que existem professoras que dão ao aluno seu verdadeiro valor, valor este merecido, pois ele é sujeito ativo e fundamental no processo de ensino e de aprendizagem. Neste sentido, Freire nos alerta:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente a experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (1996, p. 65)

O que o professor precisa é constantemente se auto avaliar, e perceber se realmente ele não está deixando de lado aqueles alunos mais indisciplinados ou que têm mais dificuldades no aprendizado, que com certeza são os que necessitam mais de ajuda, justamente por serem difíceis de lidar, ou mesmo porque vivenciam realidades complicadas. São nestas horas que se deve lembrar as palavras de Antunes:

Olhar de uma maneira diferente significa, em síntese, desconstruir a embalagem que envolve toda pessoa e percebê-la na integridade da criatura que é. Qualquer pessoa é sempre um alguém maior em relação aos atos que exerce, independente da roupa que veste, do veículo que usa, da cor de sua pele e da cor de suas ideias ou convicções. Olhar o outro com um novo olhar expressa o resgate do encantamento de quem descobre no estranho o aprendiz, no diferente o igual. (2003, p. 25-26)

Ainda seguindo essa linha da relação professor – aluno, perguntou-se: No processo de ensino e de aprendizagem, como você se relaciona com seus alunos?

- É uma relação aberta, sempre estou tirando as dúvidas deles, e eles não têm nenhuma inibição quanto a isso. (Professora 1)

- Me relaciono bem, porque tanto eles têm um afeto muito grande comigo, como eu tenho com eles. (Professora 2)

- Eu tento ser o mais clara possível, mais didática, para que eles compreendam bem os conteúdos. Tento ser o mais próxima possível, dialogando com eles. (Professora 3)

Torna-se fundamental na prática pedagógica uma boa relação entre professor e aluno, pois esta relação contribui diretamente para o êxito dos alunos, tanto cognitivamente, como na formação humana do estudante. Assim, pode-se refletir: Como que um aluno pode ter sucesso na aprendizagem, se “tem medo” do professor? Como o professor pode dar boas aulas, se os alunos não o respeitam? Como o aluno pode ser questionador, crítico, participativo nas aulas, se o professor repreende-o a todo o momento? Como o aluno pode tornar-se amigo do professor, se este não se importa com sua realidade?

Percebe-se uma relação amigável, as professoras muitas das vezes, entram no ritmo dos alunos para conquistá-las. Não precisa mostrar-se superior para conseguir o respeito e os limites dos alunos, assim como não precisa também tornar-se criança, para relacionar-se bem com os alunos, basta ser como diz Antunes, um educador:

Que seu olhar sobre o desenvolvimento humano não seja apenas de encanto e jamais de infantilização, mas de integral comprometimento com a profissão, com as conquistas da ciência e com o trabalho. Que tenha imensa empatia com o outro e sinta orgulho em descobrir os detalhes, mesmo os pequenos, de sua progressiva transformação. (2003, p. 30)

A próxima pergunta foi a seguinte: **Você se sente querida pelos seus alunos? Por quê?**

- Sim, porque eles demonstram muito carinho por mim, tem muita atenção comigo, por eles sempre lembrarem de mim, mandam mensagens. (Professora 4)

- Me sinto, porque quando passo por eles em qualquer lugar, falam comigo com tanta alegria... Ou quando chego na sala, eles me recebem muito bem. Na medida do possível, eles gostam de mim, acho que faço minha parte. (Professora 5)

O que se revelou no período de observações, foi que realmente as professoras são bastantes queridas mesmo pelos alunos. Eles gostam de abraçar, de contar novidades a elas, de elogiá-las. Quando uma professora falta, eles demonstram não gostar, porque de fato querem bem a sua professora.

A formação humana acompanhada pela afetividade na ação pedagógica é que faz com que o aluno se aproxime, tenha admiração e amizade com o professor. Um aluno dificilmente irá ter uma boa relação com o professor, somente pela sua competência de ensinar. Se não houver uma boa dose de afetividade e sensibilidade, tanto do aluno, quanto do professor, terão poucos êxitos. Segundo Tardif e Lessard:

(...) as relações entre os pares comportam ainda uma importante dimensão histórica: em algumas escolas, os professores estão atuando há muitíssimo tempo e partilham com seus colegas (...). Essa familiaridade pode facilmente acabar em reações de solidariedade (...) (2007, p. 183)

A próxima pergunta pode-se dizer, é a mais direta em relação à formação humana e à afetividade na prática do professor. Pergunta esta, que faz o professor refletir como

andam estes aspectos em sua ação. Que importância você dar à formação humana e à afetividade em sua prática docente?

- Uma das coisas mais importante é isso, procurar entender as pessoas, se sensibilizar. (Professora 1)

- Dou uma importância grande. Eu acho que em todo ambiente deve ter essa troca de carinho. (Professora 2)

- Acho que às vezes ajuda, e às vezes atrapalha. Tem que haver um equilíbrio, nem ser tão dura, nem tão emotiva. Se houver uma relação amorosa com os alunos, tudo se resolve mais fácil. (Professora 3)

- Acho muito importante, porque eu acho que para a gente trabalhar com criança, devemos trabalhar muito com o emocional, pois facilita o convívio do dia-a-dia, torna o professor mais humano, mais próximo da criança. Não ser aquele “sabe tudo”. Eles ficam mais próximos e nos contam seus problemas, facilitando o processo de ensino e de aprendizagem, por a gente conhecer eles e saber como realizar o trabalho. (professora 4)

- É o fundamental, porque envolve a questão de olhar para a criança com outros olhos. É esse lado da afetividade que faz a gente acolher o aluno de forma diferente. (Professora 5)

É notável a importância que as professoras dão ao ser humano. Inclusive, segundo os relatos das professoras, a escola lócus da pesquisa, em suas reuniões, planejamentos, estudos e eventos, abordam-se temas relacionados à formação humana tanto dos docentes quanto dos discentes, e visa formar professores mais humanos, sem menosprezar a competência e habilidade.

Então, é essa gama de atitudes e gestos que o professor possui que faz da sala de aula um ambiente prazeroso e agradável, que faz o aluno sentir-se entusiasmado para aprender. “Seu olhar, sempre que olhava a gente, parecia veludo na pele ou um pêssego na mão.” (ZIRALDO, 2003, p. 54). É esse olhar amoroso que o professor deve ter, especialmente, quando se trata de alunos que são crianças, pois estão em fase de construção de sua própria personalidade, o que recebe do meio, do outro, influencia bastante em sua formação.

Em boa medida o trabalho docente repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios traumas, etc. Num outro âmbito, a implicação dos professores na sociedade (ensinar a harmonia racial, valores não-sexistas, escutar problemas pessoais, consolar, ensinar os comportamentos sociais básicos, etc.) constitui um peso difícil de carregar. Além de tudo, por ser o “produto” um ser humano, os professores se preocupam mais com a qualidade e o bem-estar global das crianças. (TARDIF E LESSARD, 2007, p. 258)

Partindo para a questão da competência e habilidade do professor, visto que esses pilares também revelam atitudes humanizadoras (ou não) do docente, perguntou-se: Como você aborda os conteúdos para os seus alunos?

- Minhas aulas são expositivas, eles lêem, depois discutimos. Busco usar dinâmicas



para compreenderem melhor. (Professora 3)

- Tento abordar de uma forma bem simples, falando de um jeito que eles entendam e sempre ouvindo os alunos também, as opiniões deles, as histórias que eles contam e as dúvidas. (Professora 4)

- Acho que temos que conciliar as duas coisas: tem coisas do tradicionalismo que são benéficas, mas também deve ter o outro lado. Acho que a gente deve unir as duas coisas. Gosto de ouvir primeiro as ideias deles, para a partir daí desenvolver minha aula. (Professora 5)

Diante às falas das professoras, denota-se uma valorização pelo aluno, onde há oportunidade dos mesmos se expressarem, expondo seus pontos de vistas e tirando suas dúvidas. Existe uma reciprocidade entre professor e aluno, ambos se respeitam. Obviamente, se sabe que acontecem contratempos, onde alguns não obedecem e/ou não respeitam tão facilmente algumas das professoras, como também acontece de a professora “perder a paciência” com tais alunos e agir de forma mais rígida com os mesmos. Eis a questão de que, em toda a ação docente o professor revela-se, enquanto competente, habilidoso, bem como afetivo, sensível, amigo, etc. Desse modo, Freire assegura:

Tarefa que exige uma forma criticamente disciplinada de atuar com que a educadora desafia seus educandos. Forma disciplinada que tem que ver, de um lado, com a competência que a professora vai revelando aos educandos, discreta e humildemente, sem estardalhaços arrogantes; de outro, com o equilíbrio com que a educadora exerce sua autoridade – segura, lúcida, determinada. (1993, p. 61)

Prossegue-se a entrevista, ainda dentro da didática das professoras. Surgindo assim a seguinte colocação: Cite algumas das metodologias que você costuma desenvolver em sala de aula.

- Dinâmicas, jogos, trabalhos em equipe, em duplas. (Professora 1)

- Jogos, trabalhos em equipes, duplas, dinâmicas, apresentações de murais, produções através de imagens, ditados mudos, etc. (Professora 2)

- Procuo usar dinâmicas, jogos, vídeos, já tive de passar aulas práticas, mas foram poucas, pretendo passar mais. Gosto de realizar debates, dependendo do tema. (Professora 3)

Professor que dinamiza suas aulas, que recorre à ludicidade, estuda e prepara-se para dar boas aulas, que faz tudo para conseguir fazer com que o aluno aprenda, mas não de qualquer jeito, revela sua competência e sua responsabilidade em cumprir o objetivo maior de sua profissão.

Ao acompanhar as aulas de cada professora, percebe-se uma preocupação de fato, em adquirir metodologias diferentes e eficientes. Algumas mais criativas, mais esforçadas, dedicadas, outras com menos habilidades, porém com interesse em aprender.

Finaliza-se a entrevista com a seguinte interrogação para as educadoras: De que forma você avalia a aprendizagem de seus alunos?

- Eu avalio no dia-a-dia, durante as aulas, nos trabalhos, nas brincadeiras envolvendo os conteúdos, nas tarefas e nas provas também, buscando dar mais importância às atividades diárias, do que nas provas. (Professora 4)

- Eu avalio de todas as formas, desde a hora que o aluno chega até o final. O comportamento, as atividades, os jogos, a participação. O que menos me preocupa são com as provas. (professora 5)

Ao observar os planos de aula das professoras, vê-se uma importância dada à avaliação diária, onde ao final de cada aula, as mesmas têm que registrar como ocorreu a aula, se os objetivos foram ou não atingidos, se mudou alguma coisa na metodologia planejada, enfim, o rendimento dos alunos, diante da aula dada. Desse modo, prosseguem planejando as próximas aulas, de acordo com o que foi avaliado nas aulas passadas.

Essa atitude revela certa preocupação com o desenvolvimento do aluno, não só cognitivamente falando, mas também em seus aspectos psicológicos, emocionais, sociais e culturais. Há um interesse pelo desempenho do aluno em toda atividade às quais exerçam ou não, é uma avaliação de certo modo qualitativa, já que o mais importante não é somente a nota da prova que o aluno tira, pois a avaliação não deve ser somente de resultados, mas processual.

Assim, diante dos dados aqui apresentados e analisados, conclui-se que:

- O gosto por lecionar está para além da formação de nível superior, não desmerecendo a formação, mas acrescentando a mesma, a formação humana e a afetividade com que as professoras demonstram em suas ações e relações com os alunos.
- A formação humana e a afetividade quando bem trabalhadas, são grandes responsáveis pelo sucesso da relação professor – aluno e do processo de ensino e aprendizagem.
- Os aspectos afetivos e da formação humana influenciam diretamente no aspecto intelectual, tanto nos docentes, quanto nos discentes.

Portanto, se faz necessário que o professorado, sendo uma classe de profissionais, cuja função é formar mentes, valorize e trabalhe internamente a formação humana e a afetividade, percebendo-os como elementos fundamentais que dão vida à prática pedagógica e como fonte de humanização das pessoas, pois não é possível educar sem amor, cuidar sem afeto, transformar sem dedicação, enfim, entender as crianças sem ter sensibilidade. É preciso ter sempre em mente que, ser ‘professor’ está para além da transmissão de conteúdos, da preparação para o mercado de trabalho. O professor deve se comprometer também com a formação de cidadãos, ensinar para a vida, olhar e respeitar o educando como ser humano, por isso dar o melhor de si. Nas escolas em geral, haverá mais transformações, quando se houver mais professores comprometidos com a formação humana de si mesmos e dos alunos.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender a formação humana e a afetividade presentes no trabalho docente, visto serem aspectos de grande importância na prática pedagógica e ainda pouco discutidos na classe do professorado.

Diante desse valor dado à formação humana que todo professor deveria ter, refletiu-se acerca de situações cotidianas do âmbito escolar, já que tanto a formação humana, como a afetividade, compreendem todos os gestos, sentimentos e atitudes dos sujeitos que se inter-relacionam.

Questões como afetividade, sensibilidade, humildade, equilíbrio emocional, entre outras, foram exploradas no decorrer do texto, ficando deste modo, constatado que, a formação humana do professor é significativa, precisando diante dessa importância, ser valorizada e cultivada dentro da escola, bem como nos cursos de formação para professores, pois esta é um dos elementos responsável tanto pelo sucesso, como pelo insucesso dos alunos, tanto na formação humana dos alunos, quanto no rendimento escolar dos mesmos.

Tratou-se também da análise da prática pedagógica de cinco professoras que lecionam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com destaque na formação humana e na afetividade das mesmas, constatando-se que, se faz necessária na formação de professores, a preocupação com a formação humana e afetiva dos mesmos, pois estas influenciam diretamente na relação professor-aluno e no processo de ensino e aprendizagem.

Diante de todo o estudo realizado, espera-se que este trabalho sirva como meio de reflexão, especialmente para os docentes, no desejo de praticar o método dialético: reflexão – ação – reflexão, não somente no ato do planejamento, se restringindo apenas às mudanças metodológicas, mas também sobre sua formação humana, a qual reflete diretamente no aluno.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Ser professor hoje**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. 17. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-094-0

